



VOZES da  
AGRICULTURA  
*ecológica*

*Capítulo 11*

ZELMA E  
VALDECI EVALDT

dezembro, 2017

Laércio Meirelles



dezembro, 2017

## Zelma e Valdeci Evaldt

— *Nunca usamos veneno. Uma vez compramos dois quilos de agrotóxicos e dez sacos de adubo (uma formulação NPK). Usei, uma vez, meio litro, não gostei do cheiro e disse que, se fosse para usar veneno, voltaria para o Mato Grosso. Não sabia o que fazer com ele e dei para um amigo, pois ele ia comprar mesmo. O adubo eu até usei, mas nunca mais comprei.*

Assim começa a conversa com o casal Valdeci e Zelma Evaldt, pais do Elias, da Marta e do Mecias. Essa tentativa frustrada de ingressar no mundo da modernização da agricultura ocorreu quando eles voltaram de Mato Grosso, em 1987. Casaram-se em 1983 e, dois anos depois, foram para Vila Rica, MT, em busca de mais terras. Esse movimento não foi inventado por eles, muitos gaúchos ajudaram a colonizar o Centro-Oeste brasileiro. Os pais da Zelma são parte desse grupo de agricultores aventureiros. O casal foi atrás. Trocaram um hectare de terra no Sul por três no Mato Grosso.

— *O pai queria mais terra para plantar trigo porque gostava muito de pão* – comenta Zelma sorrindo.

Elias nasceu em Vila Rica, em 1985, e Marta em setembro de 1987. Nesse mesmo ano retornaram ao Rio Grande do Sul porque Valdeci precisava ajudar no cuidado com os pais.

De volta a Três Passos, comunidade onde nasceram, trabalharam como diaristas por dez anos. O que mais faziam era roçar bananais, normalmente por empreitada. Pergunto se o trabalho como diarista era suficiente para cuidar da família.

— *Até para passear no Mato Grosso. É que plantávamos muita coisa para comer, assim a grana das diárias era suficiente para viver bem. Uma vez fomos ver a família em Vila Rica, ficamos dois meses e aproveitamos para trabalhar colhendo gergelim e milho.*

Ela segue:

— *O dinheiro que ganhamos com esse trabalho pagou a viagem e até sobrou para comprar uma vaca, que depois foi vendida a um açougueiro que nunca pagou por ela. Uns anos atrás ele disse “eu não vou pagar ao Valdeci, ele está indo muito bem”!*

Sou obrigado a concordar com o açougueiro... a família do Valdeci está muito bem. Hoje possuem cerca de 18 hectares de terra, entre a herança dos pais do Valdeci e o que conseguiu comprar, localizados em três comunidades, todas no município de Morrinhos do Sul, Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

Em 1997, eles ingressaram na Associação dos Produtores Ecológicos de Morrinhos do Sul (Apemsul). Valdeci:

— *Já que não gostávamos de veneno, vimos nessa ideia de produzir hortaliças para vender na feira ecológica uma maneira de viver melhor.*

Valdeci diz ainda que não queriam mais trabalhar de peões, como diaristas. Até pensaram em voltar para Mato Grosso, mas acabaram optando pelas feiras e por plantar verduras. Quando decidiu entrar “na ecologia” negociou um pedaço de terra com o pai, Valdomiro Evaldt, e os dois começaram a trabalhar juntos nesse propósito.

A Apemsul começou a se organizar em 1995, através da atuação do Centro Ecológico em conjunto com a Pastoral Rural. Após o curso de abril de 1991, a equipe técnica do

Centro Ecológico seguiu acompanhando o incipiente trabalho na região. Mas, tendo que cobrir uma distância de 300 quilômetros entre Ipê e Três Cachoeiras, nossa presença por lá era esporádica. Com o passar dos anos, a necessidade de ter um técnico permanente no Litoral Norte do Rio Grande do Sul fez-se mais visível e premente. Em 1994, uma parceria entre o Centro Ecológico e a Pastoral Rural viabilizou a contratação do agrônomo André Luiz Gonçalves<sup>1</sup>. A Apemsul é o resultado de um momento de mobilização de novos agricultores a fim de ingressarem na Agricultura Ecológica para além daqueles que já eram associados à Associação dos Colonos Ecologistas da Região de Torres (Acert).

No mesmo ano de 1997, participaram, pela primeira vez, de uma feira em Criciúma. Depois, em 1998, em Canoas, e em 2000, Porto Alegre. Concomitante às feiras, a venda de banana no “Ponto de Colheita” em Caxias do Sul. O “Ponto de Colheita”, hoje rebatizado “Ponto Safra”, é uma iniciativa de abastecimento popular criada pela Prefeitura de Caxias do Sul em 1998. Cerca de dez toneladas de bananas ecológicas são comercializadas nesses pontos, semanalmente, a preços populares.

Desde que surgiu, a Apemsul mantém a dinâmica de fazer reuniões semanais, todas as segundas-feiras, à noite. Serve, dentre outros assuntos, para acertar contas da feira anterior, organizar a próxima e acertar detalhes da venda de banana em Caxias do Sul. Ao longo desses 20 anos, além do casal Valdeci

---

<sup>1</sup> André Luiz Rodrigues Gonçalves é agrônomo. Ingressou na equipe técnica do Centro Ecológico em 1994. Doutor em recursos naturais pela Universidade de Cornell, EUA, hoje é professor de Agroecologia no Instituto Federal Catarinense – IFC, campus Santa Rosa do Sul.

e Zelma, seus filhos Mecias e Elias, esse último junto com esposa Fernanda, tornaram-se membros da Apemsul. Hoje a associação é um ator político reconhecido no município, já tendo conquistado, através de uma emenda parlamentar, um caminhão baú e uma câmara de climatização para a banana.

No momento em que ingressaram na Apemsul e com o desejo de participar das feiras ecológicas, começaram a trabalhar com olerícolas em maior escala. Uma mudança que não lhes acarretou maiores dificuldades.

Zelma:

— *A mãe sempre teve horta e plantava muitas espécies diferentes, eu aprendi muita coisa com ela.*

A família é conhecida pela variedade de plantas que cultiva. Dessa variedade origina-se a fama do “almoço da Zelma”. Ao longo dos anos, ela foi estruturando-se para servir almoços. Grupos de 10, 20, 40 pessoas vão almoçar na propriedade. São consumidores, estudantes, profissionais da área e agricultores que vêm à região conhecer o trabalho com Agricultura Ecológica e encantam-se com a variedade de alimentos que ela oferece. São dezenas de diferentes pratos.

— *Tudo é produzido aqui, compro só o sal – diz ela. Tudo que plantamos primeiro é para nossa alimentação, depois para vender!*

De fato, caminho pela propriedade e vejo pimentão, couve, repolho, brócolis, milho, amendoim, tomatinho, quiabo, berinjela, azedinha, pepino, arroz, alho-poró, alface, chuchu, almeirão, espinafre, gengibre, cúrcuma, inhame, manjeriço, temperos (salsa, cebolinha, sálvia e muitos outros) ora-prónobis, yacon, vagem, cebola, beterraba, cenoura, feijões, rabanete, mamão, batata-doce, aipim, batata cará, taioba, cana para transformar em açúcar, jaca, soja branca e preta, abóbora e moranga. Bananas variadas.

Valdeci:

— *Acho que herdei isso da mãe, ela plantava de tudo. Eu*

*gosto também. Na Romaria da Terra, todo ano eu vou, mas não é para rezar (risos), é para conseguir sementes.*

Ele diz que não vai à Romaria para rezar, mas essa preocupação do Valdeci em manter as variedades crioulas das sementes e produzir a maior variedade possível de alimentos parece uma boa forma de oração.

Sáimos da horta e entramos no bananal. Valdeci sempre se interessou por ter árvores no meio do bananal. Quando ouviu falar no manejo agroflorestal não se impressionou. A ideia era semelhante ao que ele praticava.

— *Quando cheguei de Mato Grosso comecei a plantar palmito nos bananais. Meu pai já fazia isso, pois ele via os palmitos sendo destruídos e tentava, ao menos, repor um pouco.*

Em 2001, por iniciativa do Centro Ecológico, um grupo de quatro agricultores foram, juntamente com André, visitar o manejo agroflorestal desenvolvido no Sul da Bahia pelo agricultor de origem suíça Ernst Goestch. Naquele momento, a propriedade do Ernst era uma espécie de Meca, para onde todos que pretendiam trabalhar com manejo agroflorestal deveriam dirigir seus olhares. Valdeci conta que aprendeu muito na viagem e que conhecer a propriedade do Ernst foi um impulso importante para incorporar árvores ao seu bananal.

Sob o bananal sinto-me em uma floresta. São várias espécies anuais cobrindo o solo, mas destacam-se as arbóreas. Sobragi (*Colubrina glandulosa*), Licurana (*Hyeronima alchorneoides*), Canela (*Nectandra lanceolata*) e Louro (*Cordia trichotoma*) são alguns exemplos. A maior densidade é de palmeira juçara, também chamada de ripeira na região. Seu nome científico é *Euterpe edulis*. É uma linda palmeira, endêmica da Mata Atlântica, que foi sistematicamente arrancada para a extração do valioso palmito. Com essa prática contínua por décadas, entrou em vias de extinção. A legislação ambiental impede o corte da juçara, mas a prática, muitas vezes, segue a tal ponto que, frequentemente, ocorrem roubos dessa palmeira,

normalmente efetuados por grupos durante a noite, que no próprio mato extraem o palmito de forma duplamente ilegal – roubam e derrubam uma árvore protegida por lei.

A partir do trabalho do Centro Ecológico na região, com o auxílio luxuoso do Jorge Vivan, a palmeira juçara vem sendo replantada, com uma finalidade comercial diferente. Agora, o que se busca é colher seus frutos que são bastante semelhantes ao açaí do Norte, despulpá-los e vendê-los na forma de polpa congelada.

A polpa é comumente denominada de açaí juçara. Para o consumidor a diferença em relação ao açaí originário do norte do país (*Euterpe oleracea*) passa totalmente despercebida. O uso da ripeira para colher seus frutos e despulpá-los era um procedimento absolutamente ignorado na região. A prática simplesmente inverte sua curva de extinção. Isso é importante não apenas pelo valor intrínseco de manter uma espécie, mas também por ser uma oportuna alternativa de renda e, talvez, o mais significativo, cumpre um papel fundamental na preservação da Mata Atlântica. Ela é considerada uma espécie-chave, já que seus frutos amadurecem em uma época em que faltam outros alimentos e são consumidos por cerca de 70 espécies da fauna nativa.

Eu pergunto qual a lembrança deles de quando aprenderam que podiam fazer suco a partir dos frutos da juçara.

Zelma se adianta:

— *O Jorge Vivan chegou aqui em casa, acho que em 1999. Disse que iria fazer um suco. Pegou o liquidificador, aqueceu água e deixou os frutos vinte minutos nessa água morna. Colocou-os no liquidificador com água fria, bateu e fez o suco. Estragamos o liquidificador (risos). Depois continuei a fazer essa despulpa, mas usando a batedeira.*

Ela segue:

— *Acho que a primeira pessoa que fez suco para vender foi o Mauri (Mauri Fernandes, morador da mesma comunidade e*

*membro da Acert). E quem nos ensinou a usar a despoldadeira e fazer o suco para vender foi Ezequiel (Ezequiel Fernandes, filho mais velho do Mauro Fernandes, na época morador da mesma comunidade e membro da Acert).*

Logo, começaram a despoldar o açaí que colhiam na Agroindústria Morro Azul, pertencente a um dos sócios da Acert. Em 2011, começaram a despoldar o fruto da palmeira juçara em casa, em um pequeno espaço, melhor preparado e com uma despoldadora própria. Hoje, o açaí da Mata Atlântica, outra denominação para o fruto da palmeira juçara, é parte importante da renda da família.

— *Se conseguíssemos colher todo o açaí e transformá-lo, poderia até dar mais renda que a banana, nosso cultivo principal* – diz Valdeci.

Mecias entra na conversa:

— *Esse ano colhemos sete toneladas, mas ficaram cerca de dez sem colher. Falta mão de obra, é muita coisa para fazer!*

A polpa oriunda dos frutos da propriedade da Zelma e do Valdeci foi processada em uma pequena agroindústria da Cooperativa, uma cooperativa que surgiu na região de Torres, a partir dos esforços de um grupo de técnicos, consumidores e produtores envolvidos com frutas nativas, com ênfase no açaí juçara. Ao longo dos anos, vem se estruturando lentamente e, hoje, janeiro de 2018, tem 20 toneladas de polpa de açaí juçara armazenadas em câmara fria para serem comercializadas ao longo do ano. Os Evaldts são sócios da Cooperativa.

Como eu dizia, mesmo com esse esforço em relação ao açaí juçara, a banana ainda é a principal renda da família.

Pergunto pelo manejo e fico sabendo que evitam gastar com insumos. Esterco usam muito pouco. Às vezes, menos de uma vez por ano, usam pó de rocha. Segundo eles, a produção de banana está boa e a fruta bonita, cachos compridos.

Valdeci é muito conhecido por seu eficiente manejo agroflorestal. Existem muitas maneiras de fazer e descrever

esse manejo. Nos últimos anos usa-se muito o termo SAFs, acrônimo de Sistemas Agroflorestais. Uma concepção mais simples, quase posso dizer convencional, se limita ao plantio concomitante de cultivos anuais (agro) e perenes (florestal). O custo da implantação de um pomar, por exemplo, se dilui com a utilização do mesmo espaço para colheitas em uma escala de tempo mais curta. Implanto um pomar de mamão e, ao mesmo tempo, cultivo feijão. A renda obtida com a colheita de feijão ameniza os custos de implantação do mamão. A partir desta lógica, posso ir sofisticando, ou complexificando minha área com mais espécies de diferentes tempos de plantio e colheita. Devo agregar o estudo do ecossistema original como uma fonte de informação que nos irá permitir um manejo mais sofisticado. Ou seja, quais plantas a natureza coloca nesse dado local quando a deixo decidir. O estudo pode me orientar em quais espécies devo escolher, dentre as que são de meu interesse como agricultor e, ao mesmo tempo, são semelhantes, na sua arquitetura ou funcionamento, àquelas que seriam ou foram escolhidas pela natureza. Meio na linha de que se a natureza fez está bem feito. Aprendendo com a natureza, manejo essa área sem fertilizantes ou venenos, mas com roças e podas periódicas que orientam as plantas no sentido que busco para a área. Essas podas serão executadas em um cronograma de atividades que tenta seguir o proposto pela natureza. Tem-se denominado essa percepção de manejo sucessional de SAFs ou Sistemas Agroflorestais Análogos.

Estendo a conversa à horta. Tampouco pulverizam as verduras ou usam insumos comprados. No máximo, um pouco de esterco, cada vez menos. Para afugentar insetos, a Zelma gosta de usar chá de arruda.

— *Até esquecemos de usar. No galpão tem uns sacos de pó de rocha rasgados, estragando. Melhor nem comprar mais! Sou a favor de plantar e não usar nada. Na nossa terra da Pixirica não usamos quase nada, a terra é melhor, e tudo*

*vem bem bonito. A terra é boa, lá só plantamos e colhemos.*

Vejo que a família conduz suas lavouras na mesma lógica. Nas hortas, no aipim, milho, bananas, etc. Respeitando a necessidade de luz, água e nutrientes das plantas, buscam a maior convivência possível entre elas. Assim, aproveitam o máximo a incidência da energia da luz e da água em seus espaços de trabalho. Suas lavouras ficam “sujas”. Outros agricultores poderiam adjetivar como “lavoura de relaxado!”. Configura-se, assim, um espaço com várias espécies por unidade de área, algumas comerciais, outras espontâneas. Esse tipo de manejo avança na percepção, em certa medida óbvia, que a agricultura é fotossíntese. Quanto mais aproveitam a luz através da fotossíntese, mais produzem biomassa, com as consequentes vantagens na melhora da fertilidade do solo, em seu sentido mais integral, ou seja, melhora nas condições físicas, químicas e biológicas. Com esse manejo e suas consequências positivas, obtêm plantas mais nutridas e saudáveis.

Mudo o rumo da prosa.

— Vão voltar para o Mato Grosso, Zelma?

— *Mato Grosso só para passear. Quero voltar para ajudar meus parentes e vizinhos a plantar hortas, aproveitar os estercos e as folhas. A natureza lá é muito boa, mas eles não sabem trabalhar com ela. Quero explicar que a terra lá não é fraca, mas que devem parar de colocar fogo, parar de limpar o terreiro e aprender a usar as folhas como adubo.*

— Então está bom aqui?

— *Aqui está muito bom. Melhor estraga...*

Valdeci começa a lembrar, rindo:

— *Um dia, lá no início, cheguei em casa com R\$ 35,00 da feira. E disse para a Zelma "se fizermos este valor toda semana vamos ficar ricos!"*

Zelma completa:

— *E ficamos ricos, morávamos naquela casinha sem porta, sem janela e sem assoalho. Olha agora! E ainda temos*

*um caminhão, uma moto, três carros.*

Para o casal é importante manter os filhos junto a eles. Com esse objetivo organizam-se de maneira a todos terem sua justa parte na renda da propriedade. Cada um deles assume determinados espaços de comercialização e a renda obtida fica com o respectivo responsável. Assim, Mecias organiza o que será vendido e vai para a feira de Canoas, Zelma o mesmo na feira da Rômulo Telles em Porto Alegre. Elias é responsável pela feira no município de Torres e Marta, a filha casada, da José Bonifácio, também em Porto Alegre

Elias fica ainda com as vendas que faz na Cooperativa de Consumidores de Produtos Ecológicos de Torres (Ecotorres), mas com a responsabilidade de usar esses recursos para cuidar dos veículos da família.

Dirijo-me ao Elias. Conta que casou em 2014, com Fernanda. Ela é de Caxias do Sul e não tem origem rural. Mesmo assim, se adaptou muito bem ao trabalho e gosta de viver na propriedade. Estuda Biologia na Esucru, em Criciúma.

— *Nunca pensamos em morar na cidade, já tive várias propostas para sair daqui, ter emprego na cidade, mas nunca aceitei. Sairia só se fosse obrigado a usar veneno.*

Como filho mais velho, Elias recorda-se da trajetória da família na Agricultura Ecológica. Quando jovemzinho, ajudava com o trabalho na horta, mas não ia à feira. Ele recorda-se da primeira vez que foi a Porto Alegre:

— *Fui ajudar o Mário (vizinho, membro da Acert), eu tinha treze anos. Só conhecia a rodoviária de Porto Alegre, foi uma experiência inesquecível.*

— E os próximos passos, Elias?

— *Vou focar no açaí: colher, transformar e vender. Penso em deixar de trabalhar na horta.*

Pergunto ao Mecias se ele gosta de morar na propriedade.

— *Gosto muito do que faço, senão já tinha saído. Sair, só para passear. Gosto de tudo que fazemos aqui. Banana,*

*horta, açai. Mas o que eu mais gosto é de ir para a feira, me acostumo com nossos fregueses. Canso, mas vou e me animo.*

Para terminar, peço a Zelma que me conte quando e como ela tirou a carteira de motorista. Ouço a histórica, pitoresca por um lado, exemplo de garra e determinação por outro. Como, de resto, toda a história da família.

— *Há dois anos, com 49 anos. Valdeci não dirige, eu dependia dos filhos para me levarem a passear. Aí fui tirar carteira.*

— E passou de primeira, Zelma?

— *Ihh, não. Fiz 12 ou 13 vezes, nem lembro, não me preocupei em contar. Mas não desisti. Deu certo! Valeu a pena, hoje não dependo de filhos, posso ir para lá e para cá sempre que eu quiser!*

